

Geraldo Ramos Soares

A EDUCAÇÃO DE UM EDUCADOR

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, para obtenção do título de Doutor em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Dante Augusto Galeffi

Salvador

2013

S676 Soares, Geraldo Ramos
A educação de um educador / Geraldo Ramos Soares. – Salvador, 2013.
205f.

Orientador: Prof. Dr. Dante Augusto Galeffi
Tese (doutorado) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Educação,
2013.

1. Educação. 2. Healing (Cura). 3. Educadores – Formação. 4. Autobiografia.
5. Solidariedade. I. Galeffi, Dante Augusto. II. Universidade Federal da Bahia,
Faculdade de Educação. III. Título.

CDD – 923.7

Geraldo Ramos Soares

A EDUCAÇÃO DE UM EDUCADOR

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, para obtenção do título de Doutor em Educação.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Dante Galeffi – UFBA – Orientador

Prof. Dr. José Policarpo Júnior – UFPE

Prof. Dra. Fernanda Gonçalves – UCSAL

Prof. Dra. Meran Vargens – UFBA

Prof. Dra. Maria Teresa Franco Ribeiro – UFBA



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - Mestrado e Doutorado

ATA DA DEFESA PÚBLICA DE DOUTORADO DE
GERALDO RAMOS SOARES, NO PROGRAMA DE
PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – MESTRADO E
DOUTORADO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA
BAHIA.

Aos dezessete dias do mês de junho do ano de dois mil e treze, às quatorze horas, reuniu-se na sala 08, da Escola de Administração da UFBA, a Comissão Examinadora composta pelos Professores Doutores Fernanda Maria Brito Gonçalves Almeida, José Policarpo Junior, Meran Muniz da Costa Vargens, Maria Teresa Franco Ribeiro e por mim, Dante Augusto Galeffi, orientador, para julgar o trabalho intitulado: "A EDUCAÇÃO DE UM EDUCADOR", de autoria de Geraldo Ramos Soares. Após arguição e discussão, a banca examinou, analisou e avaliou o referido trabalho, chegando a conclusão que este está APROVADO. Nada mais havendo a ser tratado, esta Comissão Examinadora encerrou a reunião da qual eu lavrei a presente ATA, que após lida e achada conforme, vai assinada pelos presentes e encerrada por mim Dante Augusto Galeffi. Salvador, 17 de junho de 2013.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. (a) Fernanda Maria Brito Gonçalves Almeida

Prof. Dr. (a) José Policarpo Junior

Prof. Dr. (a) Meran Muniz da Costa Vargens

Prof. Dr. (a) Maria Teresa Franco Ribeiro

Prof. Dr. (a) Dante Augusto Galeffi

Fernanda Brito Almeida
José Policarpo Junior
Meran Muniz da Costa Vargens
Maria Teresa Franco Ribeiro
Dante Augusto Galeffi
Geraldo Soares

CONFERE COM O ORIGINAL
DATA: 26.06.2013

Eliene B. Batista
Secretária Executiva
SIAPE: 1659286
PPGE/FACED/UFBA

Para Isis e Bob, que me viram antes de eu próprio me ver.

Para Alza, que me mostrou os caminhos para o *Healing*.

E Felipe Serpa, pelo exemplo.

AGRADECIMENTOS

Desejo agradecer a algumas pessoas que foram solidárias e me ajudaram de diferentes maneiras na elaboração desta tese: em primeiro lugar ao meu orientador, professor Dante Galeffi, cujo exemplo de integridade e autonomia foram fundamentais para que eu próprio exercitasse a minha integridade e autonomia.

Aos colegas e amigos Joviniano Soares de Carvalho Neto, Antonio da Silva Câmara, Jorge Luís Bezerra Nóvoa, Ana Fernanda Campos de Souza, Ceci Vilar Noronha e Maria José Bacelar.

“Nosso medo mais profundo não é o de sermos inadequados.
Nosso medo mais profundo é de sermos poderosos além da medida.
É nossa luz, não nossa escuridão, que mais assusta.
Nós nos perguntamos: quem sou eu para ser brilhante, atraente,
talentoso, fabuloso?
Na verdade, quem é você para não ser? Você é um filho de Deus.
Você, pretendendo ser pequeno não serve ao mundo.
Não tem nada de iluminado no ato de se encolher para que os outros
não se sintam inseguros ao seu redor.
Nascemos para manifestar a glória de Deus que está dentro de nós.
Não está só em alguns de nós; está em todos nós.
E à medida que deixamos nossa luz brilhar, damos permissão para os
outros fazerem o mesmo.
À medida que libertamos nosso medo,
nossa presença libera outros.”¹

[Nelson Mandela](#)

¹ Our deepest fear is not that we are inadequate. Our deepest fear is that we are powerful beyond measure. It is our light, not our darkness that most frightens us. We ask ourselves, who am I to be brilliant, gorgeous, talented, and fabulous? Actually, who are you not to be? You are a child of God. Your playing small does not serve the world. There is nothing enlightened about shrinking so that other people won't feel insecure around you. We are all meant to shine, as children do. We were born to make manifest the glory of God that is within us. It's not just in some of us; it's in everyone. And as we let our own light shine, we unconsciously give other people permission to do the same. As we are liberated from our own fear, our presence automatically liberates others.

RESUMO

A partir de uma visão sobre a crise contemporânea e o seu pano de fundo, a questão dos paradigmas, o trabalho apresenta uma narrativa autobiográfica de sua carreira docente, destacando seu encontro com o *Healing*, uma abordagem original sobre o desenvolvimento humano, que trouxe mudanças importantes na sua prática pedagógica. Apesar de extraordinárias, as inovações na educação não foram capazes de abalar a estrutura do modelo atual de educação que permanece baseado apenas no intelecto e no acúmulo de informações, pois considera a razão como principal via de conhecimento, desprezando a subjetividade. Demonstra que todo conhecimento é autobiográfico. Enfatiza a importância do autoconhecimento dos educadores como uma condição necessária para transformar as práticas educacionais.

Palavras-chave: Autobiografia. *Healing*. Educação. Formação de professores. Solidariedade. Desenvolvimento humano.

ABSTRACT

From a vision about the crisis and its contemporary backdrop, the question of paradigms, the paper presents an autobiographical narrative of his teaching career. This highlights its encounter with the “Healing”, an original approach on human development, which has brought major changes in their pedagogical practice. Despite extraordinary, innovations in education hasn’t been able to shake the structure of the current model of education that remains based solely on the intellect and the accumulation of information because it considers the reason as the main way of knowledge despising subjectivity. Demonstrate that all knowledge is autobiographical. Emphasizes the importance of self-knowledge of the educators as a necessary condition to transform educational practices.

Key-words: Autobiography. Healing. Education. Training of teachers. Solidarity. Human development.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACM	Antonio Carlos Magalhães
APUB	Associação de Professores Universitários da Bahia
ASEB	Associação dos Sociólogos do Estado da Bahia
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CISO	Ciências Sociais
CRH	Centro de Recursos Humanos
CSU	Centro Social Urbano
DE	Dedicação Exclusiva
DRH	Desenvolvimento de Recursos Humanos
Exmo.	Excelentíssimo
Faced	Faculdade de Educação
Fapex	Fundação de Apoio à Pesquisa e Extensão
FFCH	Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
Fundesp	Fundação para o Desenvolvimento do Servidor Público
IAT	Instituto Anísio Teixeira
IGPM	Inspetoria Geral das Polícias Militares
InCiso	Programa de Atividades Científicas, Culturais e Artísticas do Curso de Ciências Sociais
ISP	Centro de Estudos Interdisciplinares para o Setor Público
Lassos	Laboratório de Estudos em Segurança Pública, Cidadania e Sociedade
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira
MEC	Ministério da Educação
MST	Movimento dos Trabalhadores Sem Terra
ONG	Organização não Governamental
PM	Polícia Militar
Prof.	Professor
Profa.	Professora
SEC	Secretaria de Educação do Estado da Bahia
Sr.	Senhor
SSP	Secretaria de Segurança Pública
Sudesco	Superintendência para o Desenvolvimento das Comunidades do Estado da Bahia

Ten.	Tenente
UFBA	Universidade Federal da Bahia
Unesco	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	PANO DE FUNDO: O FIM DO MUNDO	15
3	A MOLDURA	18
3.1	LADO I	18
3.1.1	A Questão dos Paradigmas	18
3.1.2	Subjetividade e Saber Científico: “Todo Conhecimento é um Autoconhecimento”	24
3.1.3	Novas Cartografias	30
3.2	LADO II	33
3.2.1	A Importância das Autobiografias e Histórias de Vida para a Compreensão da Formação de Professores e Educadores	33
3.2.1.1	<i>Breves Apropriações Conceituais</i>	33
3.2.1.2	<i>Mais Prós que Contras</i>	36
3.2.1.3	<i>Estado da Arte</i>	38
3.2.1.4	<i>Ampliando o Debate</i>	41
3.3	LADO III	44
3.3.1	Ecologia dos Saberes	44
3.4	LADO IV	48
3.4.1	A Educação dos Educadores	48
4	A TELA	53
4.1	PARTE I	53
4.1.1	A Narrativa	53
4.1.1.1	<i>Primeiros Anos</i>	54
4.1.1.2	<i>O Melhor Filho do Mundo</i>	55
4.1.1.3	<i>Nasce o Sonho</i>	58
4.1.1.4	<i>Experiência “Anfíbia”</i>	59

4.1.1.5	<i>Mestrado e Ingresso no Magistério</i>	63
4.1.1.6	<i>Trabalho como Sociólogo</i>	65
4.1.1.7	<i>Autoeducação</i>	68
4.1.1.8	<i>Encontro com o Healing: um Turning Point</i>	71
4.1.1.9	<i>Outras Viagens</i>	81
4.1.1.10	<i>Egotrip</i>	82
4.1.1.11	<i>Chefia do Colegiado</i>	82
4.1.1.12	<i>Experiência do InCiso</i>	90
4.1.1.13	<i>Experiência Editorial</i>	94
4.1.1.14	<i>Repensando o Papel do Professor e a Extensão</i>	96
4.1.1.15	<i>Segundo Livro</i>	97
4.1.1.16	<i>Algumas Convocações</i>	98
4.1.1.17	<i>Doutorado em Educação: a Primeira Tentativa</i>	99
4.1.1.18	<i>A Convivência com Professor Felipe</i>	106
4.1.1.19	<i>Eleições para a Direção da FFCH</i>	108
4.1.1.20	<i>Paternidade</i>	111
4.1.1.21	<i>O Pior Filho do Mundo</i>	113
4.1.1.22	<i>Minha Praxis Pedagógica: Professor Menos Educar Mais</i>	115
4.1.1.23	<i>Interseção entre História e Biografia: a Universidade Nova</i>	119
4.1.1.24	<i>De Volta à Chefia do Departamento de Sociologia</i>	120
4.1.1.25	<i>Os Outros</i>	120
4.2	PARTE II	121
4.2.1	Minha Tradução do Healing	121
4.2.1.1	<i>Arriscando uma Definição</i>	121
4.2.1.2	<i>Qualidade e Individualidade</i>	128
4.2.1.3	<i>Expressão</i>	131
4.2.1.4	<i>Crença</i>	133
4.2.1.5	<i>Os Sonhos</i>	134
4.2.1.6	<i>Espiritualidade</i>	135
4.2.1.7	<i>Bob e Isis</i>	136
4.2.1.8	<i>A Atração</i>	139
4.2.1.9	<i>O Trabalho</i>	139

4.2.1.10	<i>O Coração</i>	141
4.3	PARTE III	143
4.3.1	<i>Healing na Universidade</i>	143
4.3.1.1	<i>Ajudando os Alunos a Sentirem-se Sujeitos da sua Própria História</i>	144
4.3.1.2	<i>Cursos de Extensão</i>	164
4.3.1.2.1	<i>Educando Educadores</i>	165
4.3.1.2.2	<i>Curso Sociologia da Solidariedade</i>	173
5	EPIFANIA (CONCLUSÃO)	187
	REFERÊNCIAS	199
	BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA SOBRE HEALING	205

1 INTRODUÇÃO

Acho que a primeira coisa a deixar claro nesta introdução é que eu não saberia fazer esta tese de um jeito diferente. Isto tem relação com o reconhecimento de que eu não sou um intelectual do tipo que, de fora, analisa a sociedade, geralmente vinculado a escolas de pensamento, e tampouco estou preocupado em defender nenhuma teoria. Não tenho uma mente cartesiana – muito pelo contrário, sou uma pessoa extremamente intuitiva e sensível. Até tentei adaptar-me ao padrão convencional e ser um intelectual igual aos outros quando tentei, pela primeira vez, fazer um doutorado. Foi um momento em que eu quis ser igual a todo mundo, mas logo vi que teria que pagar um preço muito elevado por isto. Não por acaso, acabei desistindo dessa primeira tentativa.

Sou um intelectual do estilo livre-pensador, uma pessoa que está na universidade e que tem compromisso com ela. Sou ligado à academia e ao conhecimento, mas não ao conhecimento teórico. No paradigma vigente, teoria e conhecimento tornaram-se quase sinônimos, mas a pessoa que detém a teoria não necessariamente detém o conhecimento. Acredita-se que a razão é a única via de conhecimento, mas ela não é a única e, muitas vezes, nem é a melhor. Eu brinco com meus alunos: se a sociologia não explica, consultem um pai de santo ou façam um mapa astral. Com isto, quero dizer que é possível, também, ter conhecimento pela experiência.

Esta tese tem a seguinte estrutura: Em primeiro lugar, há um texto sobre a crise contemporânea, denominado “O fim do Mundo: a Crise Contemporânea”, que constitui, por assim dizer, o “pano de fundo” de qualquer empreendimento humano nos dias atuais. Depois um segmento, que chamei de *Moldura* dividido em quatro “lados”, com o objetivo de enquadrar, delimitar e esclarecer o recorte teórico-epistemológico do tema mais amplo dentro da educação. A moldura apresenta informações que ajudarão o leitor a apreciar a tela, além de ligá-la ao conjunto da arte e da educação. É a mesma moldura que enquadra uma variedade de outras telas, que conversa com outras obras e, ao mesmo tempo, apresenta esta tela específica. A moldura obedece ao padrão do texto considerado científico.

Por fim a *Tela*, estruturada em três partes. Na primeira, uma narrativa autobiográfica, escrita num estilo mais livre. Eu a compararia a uma crônica, uma reflexão sobre uma realidade não ficcional, onde eu destaco meu encontro com o *Healing* como o principal acontecimento em minha vida e suas repercussões em meu trabalho como professor. A segunda parte descreve o *Healing* como expressão de uma forma peculiar de considerar a vida e a educação. A última

parte apresenta projetos e atividades que desenvolvi na Universidade Federal da Bahia (UFBA) como resultado dos efeitos do *Healing* na minha atuação como professor.

Este trabalho começou a ser escrito em 2002, por ocasião da minha primeira tentativa de realizar o Doutorado. Algumas partes foram publicizadas no site de minha responsabilidade – www.educandoeducadores.ufba.br –, que hospeda meus projetos de extensão discutidos, inclusive, nesta Tese.

Acho importante deixar claro que a tela não é uma escrita narcisística. A minha é uma narrativa de um processo de transformação. O que narro são processos de restauração e de expressão universais. Pode ser considerada uma catarse, mas, antes de tudo, quer ser um compartilhamento de experiências que podem ser úteis a todos. A minha história ultrapassa as singularidades da minha existência. Os meus problemas são comuns, universais e humanos. É a decantação da minha experiência, que pode ser útil para outras pessoas conhecerem. Poder transformar o “limão em limonada”, usar o sofrimento e as experiências de constrição e limitação para tirar o positivo disto tudo – o que também é formador. Compartilhar isto pode ser importante para outras pessoas se inspirarem.

Para avançar no conhecimento, como se espera de uma tese de doutorado, é preciso sair do limite da ciência atual e de suas regras formais e de conteúdo. Por isto, esta Tese não é uma tese convencional, porque não é chancelada pela ciência normal na acepção de Thomas Kuhn (2006). A maior parte do texto está escrita dentro de uma perspectiva de *felt knowledge*, algo como conhecimento sentido pelo autor. Ou seja, o tempo inteiro estou implicado no texto. Para que isto seja possível, é necessário liberdade. A moldura está produzida dentro dos limites do paradigma vigente. A tela pula, salta da moldura. A moldura, ao invés de limite, é a plataforma necessária sobre a qual a tela pula para fora, rumo ao desconhecido, ao novo.

Uma tese de doutorado é um ritual de passagem. No meu caso, isto é particularmente verdadeiro; sou professor e vou virar doutor, com tudo o que isto implica: mais responsabilidades, salário maior e uma elevação de *status*. Mas há também um ritual de passagem pessoal. Eu me sinto fechando um ciclo que se reveste de um significado todo especial, pois estou assumindo a minha posição no mundo – que é a melhor posição, exatamente porque é a minha. Um ciclo que simboliza o fortalecimento das estruturas, o acréscimo da responsabilidade e o início de um novo momento. Acho que, no período da minha vida ao qual esta tese se refere, eu “queimei” muitos carmas relativos à minha infância e família de origem. É como se esse passado fosse uma “Vida passada”, que superei agora. Um ciclo que se completa com a posse de mim mesmo, da minha qualidade.

5 EPIFANIA (CONCLUSÃO)

“Debaixo do céu há um momento para tudo, e um tempo certo para cada coisa. Tempo para nascer e para morrer. Tempo para plantar e tempo para arrancar o que foi plantado. Tempo para matar e tempo para curar. Tempo para

destruir e tempo para construir. Tempo para chorar e tempo para rir. Tempo para gemer e tempo para dançar. Tempo para jogar pedras e tempo para recolher as pedras jogadas. Tempo para abraçar e tempo para separar. Tempo para procurar e tempo para perder. Tempo para guardar e tempo para jogar fora. Tempo para rasgar e tempo para costurar. Tempo para falar e tempo para calar. Tempo para amar e tempo para odiar. Tempo para a guerra e tempo para a paz.”

Eclesiastes 3, 1-8

*Epifania, do grego *epiphaneia*, significa aparição, manifestação e – no sentido religioso – manifestação divina. Usamos a palavra epifania para nos referir à sensação profunda de realização, uma espécie de iluminação, uma inspiração, uma compreensão súbita e profunda do sentido das coisas.*

Não se “faz” uma epifania. Ela simplesmente acontece. Para isto, demanda um tempo próprio. A compreensão precisa ser amadurecida, digamos assim, antes de manifestar-se na forma de epifania. “Debaixo do céu há um momento para tudo”, como ensina o Eclesiastes. Ou “o tempo é o melhor remédio”, como reza a sabedoria popular. Não importa a fonte, há sabedoria no pensamento de que é preciso aguardar o tempo agir.

A minha história, descrita nesta tese, narra uma epifania pessoal. Por mais que eu desejasse me desenvolver e superar padrões limitantes, precisei aguardar o tempo certo de realizar minha transformação – melhor seria dizer, de ver minha transformação realizada em mim. Não há certo ou errado, e muito menos atraso ou adiantamento, quando o assunto é a própria transformação pessoal. Cada pessoa é única, com as suas próprias necessidades e caminhos, e desenvolve-se do seu jeito e no seu tempo.

Digo isto porque hoje sei que precisei passar por tudo o que passei para ser a pessoa que sou hoje. Os caminhos da alma não comportam a pressa. Tudo acontece naturalmente, como o amadurecer de um fruto: é preciso deixar o tempo agir.

A GRAÇA

Realizar o doutorado levou-me a um longo percurso de crescimento pessoal e profissional. Creio que minha tese demonstra que todo conhecimento é autobiográfico, à medida que consegui estabelecer as conexões entre minha vida e os projetos que desenvolvi. Foi como uma escavação, que revelou culpas e medos, mas também muitos tesouros.

Eu estava muito identificado com o meu lado intelectual, fortemente estimulado desde a infância por meus pais e por toda a família. Eu era a criança que brincava pouco e lia muito – em minha vida, tudo concorreu para o reforço da dimensão racional. Ao mesmo tempo, havia todo um lado sensível, intuitivo e emotivo que permanecia obliterado, reprimido por toda a situação da infância.

Hoje, percebo que usei a mente para reprimir essa dimensão, que não podia ser expressa. Minha história narra o difícil processo de equilibrar polaridades por meio da inclusão/liberação do lado sensível, que estava preso, “enganchado”. Narra a busca do equilíbrio entre a razão e a intuição, através da inclusão da sensibilidade, uma necessidade que é de todos os educadores, excessivamente polarizados na mente, apoiando sua autoridade no domínio de uma teoria.

Esse reequilíbrio se deu por meio da integração da dimensão feminina, que é muito forte em mim, integração esta que é uma necessidade de todos os educadores. Acho que talvez aí resida a minha contribuição à educação. A minha experiência de quase 33 anos confirma que estamos, todos os educadores, muito polarizados na nossa “mente brilhante”, no nosso “intelecto maravilhoso” e outros adjetivos que criamos. Investimos muito tempo nesta dimensão intelectual e ficamos presos a ela. Isto gera uma distorção enorme, tanto na vida pessoal quanto na práxis dos educadores, com evidentes prejuízos ao processo. A educação fica limitada, insuficiente.

A minha tese narra meu caminho na busca de outro tipo de sustento, que não é mais no intelecto: proponho que a autoridade dos professores não esteja mais no domínio de um conteúdo, mas na qualidade que eles trazem para expressar. Isto não exclui o domínio do conhecimento teórico. A diferença é que quem determina como se dá o uso do conhecimento é a qualidade, a própria sensibilidade do educador.

Minha história revela a dificuldade em assumir a autoridade interna e a superação do medo da rejeição, que foi um medo básico, estrutural na minha vida. Instalou-se muito cedo e, de alguma forma, materializa-se na primeira parte da tese, à qual dei o nome de “moldura”, que podemos considerar como a minha salvaguarda teórica contra o medo que sinto de não ser apreciado pelo que vou mostrar na etapa seguinte, a “tela”.

Minha tese mostra, também, como a minha qualidade foi lentamente ocupando o lugar do medo na minha vida. Os educadores não têm consciência da própria vida emocional, da própria dimensão sensível. O medo segue

subentendido, suprimido. Estão todos centralizados na mente e na *performance*. Não só a emoção, mas o corpo também está oprimido na vida dos educadores – quase todos funcionam “do pescoço para cima”.

Desenvolvi a sabedoria de viver o sofrimento e retirar dele algo positivo. A cada folga nos bloqueios, liberou-se uma energia que me deu abertura para viver uma experiência nova e criar um projeto. Trata-se de um processo, a meu ver, ao mesmo tempo transformador e formador, que fez de mim um ser humano. É um processo de transformação que nos liga ao essencial em nós mesmos.

A vivência de experiências, junto com a prática de exercícios de *Healing*, pôde produzir a integração num processo contínuo de criatividade e potencialidade. O tempo todo estamos nos tornando aquilo que potencialmente somos e estamos criando novas sinapses: trata-se de um processo infinito.

O HEALING

Credito ao *Healing* a graça de ter mudado e de ter começado a transformar minha vida, ressignificando experiências, algumas muito dolorosas, e libertando minha consciência presa ao passado, trazendo-a para a vida adulta, para o aqui/agora.

Consegui estabelecer, ampliar e fortalecer minha conexão com os estados progressivos de consciência, bem como expressar, criar e fazer coisas. Não fiquei preso na minha dificuldade e nos meus insucessos passados e presentes. Uma ideia básica do *Healing* é não ficar preso. Ele exige de nós uma entrega muito grande a esta dimensão.

Digo aos meus alunos: o contrário de controle não é descontrole, é entrega. Isto não quer dizer que não vamos mais planejar aulas ou o que quer que seja. Entregar-se é diferente. Todo mundo já fez isto em algum momento da vida. A sabedoria popular até já cunhou as expressões: “Seja o que Deus quiser” ou “Entregar a Deus”. É um reconhecimento de que não é você, é uma dimensão diferente, uma inspiração, algo que vem de fora e você devolve na expiração. É um movimento natural.

O que me encanta no trabalho do *Healing* é o contato direto com a realidade, sem mediações, sem uma teoria exterior sobre o que é “certo” ou “errado”. Isto proporciona liberdade (e muita responsabilidade), que não é a liberdade infantil de fazer o que quiser, mas sim de poder usar do livre arbítrio de fazer ou não fazer o que é necessário.

O Healing não deve rigorosamente ser considerado, como eu disse anteriormente, expressão de novo paradigma. Healing é a ausência de paradigmas. Talvez por isto, este seja um caminho que ainda atraia poucas pessoas; não porque seja algo para “eleitos”, mas porque poucos escolhem realmente aceitar e confrontar-se com sua própria história, sua própria realidade.

No entanto, estamos vivendo um período de mais liberdade, mais favorável à atração que o Healing exerce, representando um caminho seguro para quem deseja, realmente, crescer.

Entendo que o Healing é muito mais do que a prática da meditação e de exercícios: trata-se de outra epistemologia.

UMA OUTRA EPISTEMOLOGIA?

Apesar de extraordinárias, as inovações na educação não foram capazes de abalar a estrutura do modelo atual de educação que permanece baseado no intelecto, na memória, no pensamento crítico, no acúmulo de informações e na razão como única via de conhecimento. Isto representa uma forma bastante cruel de reducionismo, pois desconsidera outros aspectos da natureza humana que precisam se expressar, bem como necessidades que precisam ser reconhecidas. E, de outro lado, a escola não pode se reduzir a uma agência formadora de mão de obra para o mercado, muito menos o professor ser reduzido a um recitador de verdades estabelecidas. A educação escolar está dentro de uma estrutura completamente emocional-suprimida, embora afirme que é intelectual, cuja base é o medo, a não inclusão, a não aceitação. Quando essa dimensão aparece, ela é taxada, desqualificada.

Os programas de formação básica e formação continuada precisam incluir o autoconhecimento e a forte necessidade que os professores têm de serem escutados. Hoje, os professores são muito cobrados e vivem sob estresse constante. A academia e a ciência são repressoras e não reconhecem essa dimensão sensível. As instituições educacionais em geral precisam mudar a atitude de esperar a palavra da ciência para aceitar novos saberes e poder, assim, incluir na práxis pedagógica das escolas. Afinal, a verdadeira atitude científica é não ter preconceito.

O estresse dos professores se manifesta como insatisfação com sua função, que não é apenas com os baixos salários. Muitos deles estão totalmente fora de seu

lugar, pois não gostariam de dar aulas. Às vezes, começam a fazer isto porque era o caminho mais fácil, mas não têm talento para ser professores – e não há nada de errado nisto, não se trata de um julgamento de valor. Quando eu fazia formação de professores no Instituto Anísio Teixeira, via que alguns seriam excelentes comerciantes, mas não tinham nenhuma presença na sala de aula. Sofriam muito, porque a questão não era o salário. Quando manifestamos a nossa qualidade, o fazemos porque não sabemos fazer outra coisa. A questão do salário fica relativizada. Para quem faz o que não gosta, a questão salarial torna-se muito grande: toda a fonte de satisfação vem do salário, não vem da troca. Ela precisaria de um salário fantástico, milionário, para ter prazer. Seria preciso receber muito dinheiro, para comprar muitas coisas e ter muita satisfação externa, para compensar o vazio e encontrar o prazer, porque não é feliz naquilo que faz.

Eis a fonte da violência. Por que as pessoas são violentas? Porque elas são muito infelizes. Têm muita raiva dentro de si e a descarregam nos outros. Por que se consome droga? A resposta é a mesma: é tanta infelicidade, que elas querem fugir. Casamento infeliz, emprego infeliz... Em termos energéticos, tudo isto gera uma distorção enorme.

Este discurso não substitui o discurso político. Pelo contrário, fortalece-o. Uma pessoa consciente do seu trabalho terá uma qualidade de reivindicação mais efetiva, com mais poder de convencimento do que outra desconectada. Agora, imagine um sindicato em que metade das pessoas está ali apenas pelo salário e não porque ama a profissão – qual é a ação desse sindicato? Entendo que a forma de qualificar a ação política é qualificando o indivíduo.

Simplificando bastante, podemos dizer que é um círculo vicioso: se os professores não se respeitam, o governo não respeita os professores. Idem para a relação com os alunos, cujo desrespeito é uma queixa constante dos professores. Não estou dizendo que é fácil, mas acredito que as coisas se desenvolvem assim. A melhor forma de qualificar a ação política dos profissionais da educação é qualificar cada indivíduo, para que ele possa expressar algo mais denso, mais novo.

Claro que não existe mágica: trata-se de um processo que deve ser cultivado. Pode levar tempo, mas tem que ser real. Quando encarnamos a nossa qualidade, seja qual for, é natural atrair quem precisa de nós. É uma Lei natural e isto acontece sem esforço, sem que seja preciso correr atrás. Ao fortalecermos

a conexão com a Fonte, a confiança cresce, recebemos *feedbacks* e o caminho vai sendo delineado.

É quase um trabalho braçal. Todo dia é uma chance nova de reafirmar a própria crença; todo dia é um dia novo. Não existe “salvação” e acho mesmo que esta ideia é uma distorção da espiritualidade. Estar conectado não nos faz diferentes de ninguém; continuamos iguais a todo mundo, com as mesmas dificuldades. A vida segue igual. Ainda que se alcance o céu, o chacra da raiz permanece demandando cuidados. É preciso trabalhar, sair de casa, pagar as contas, tomar banho, cuidar da alimentação...

Medo, raiva, briga... podemos nutrir a relação com a nossa qualidade e continuar experimentando tudo isto. A diferença é que fazemos isto de um jeito diferente. Tudo fica ressignificado. As dificuldades de relacionamento continuam, mas você lida com isto de um jeito diferente, deixa de ser a coisa mais importante da vida – até porque não estamos vivos para resolver problemas, estamos vivos para expressar a nossa qualidade. O foco muda completamente. Não ficamos mais presos naquilo que constitui um problema, fluímos com o nosso emocional.

A energia espiritual é a verdadeira nutrição. Integrar esta dimensão à nossa vida gera saúde. Isto não quer dizer que não teremos mais doenças, mas cria-se um campo que favorece a saúde, pois a doença é uma desarmonia nos nossos corpos. Podemos ter nascido com esta desarmonia, mas a integração com o espírito entra na nossa circulação e cria um campo de dinâmicas energéticas no qual talvez não precisemos mais manifestar a doença.

A questão é integrar e cultivar esta integração. E saber que nunca chegaremos a uma situação em que estaremos 100% integrados. Não; estamos sempre integrando. Somos um processo, pois o ser humano está sempre se tornando, nunca está pronto. Não existe perfeição, este conceito irreal. Quer ser perfeito? Mantenha-se em movimento. A perfeição é o eterno movimento. Ao parar, nós estancamos o processo, cristalizamos algo que não pode ser cristalizado, pois energia é movimento e quer se expressar.

O professor que nutre esta integração vai conseguir promover este movimento em seus estudantes. Claro que algumas disciplinas favorecem mais do que outras. Talvez matemática favoreça menos do que sociologia, mas todas favorecem, porque há um contato humano.

O processo é contagioso. Não são necessárias palavras de ordem, receitas nem nomes; a simples presença basta. Quando o professor consegue encontrar o

lugar dele no mundo, ele é como um cristal e irradia quem ele é, naturalmente, sem fazer esforço, sem dizer nada. É a linguagem da energia. Você senta diante de alguém e sente.

É preciso alçar isto à nossa consciência, profissionalizar, fazer disto um assunto de estudo, de tese. É preciso passar a tomar decisões baseadas nestes sentimentos – como, por exemplo, perceber que, com aquela turma, vai ser necessário mudar o jeito de ensinar ou mesmo reconhecer que não vai ser possível e pedir à diretoria a mudança de turma. Ou mesmo decidir que não vai mais ser professor, porque a sua qualidade é outra.

A gente precisa elevar estas percepções a uma categoria epistemológica digna, relevante nos processos de formação de professores. Não basta ensinar os conteúdos, mas dizer: professor, fique atento ao que você sente, seja honesto com isto. As reuniões de escola poderiam ser baseadas nestes termos. Por que não usar estes critérios de afinidade para distribuir as turmas de acordo com a qualidade de cada professor? Por que não usar estes critérios também? Não é para parar de estudar, aperfeiçoar-se, mas incluir a perspectiva do cuidado, da espiritualidade, do não físico.

Precisamos integrar o que dividimos, separamos; precisamos ligar o que desligamos. Digo aos alunos que a Nova Era será muito religiosa, no sentido da religião, de ligar de novo aquilo que desligamos no passado, quando nos separamos do todo para conhecer as partes. Não podíamos lidar com a razão durante a Idade Média, presa ao dogmatismo da Igreja. Não podíamos pesquisar, não tínhamos liberdade de pensamento, era tudo dogmatismo religioso. O que aconteceu depois? Quando acabou a Idade Média e adveio o Renascimento, no intuito de liberar e desenvolver a razão, rejeitamos esta dimensão mais sensível. Graças a isto, construímos uma civilização com alto padrão tecnológico, mas foi como jogar fora a água do banho com o bebê. No afã de rejeitar a dimensão mais sensível, que era apropriada pela religião e estava associada ao dogmatismo, rejeitamos tudo. Parte da crise contemporânea é isto. Precisamos restabelecer o equilíbrio entre razão e sentimento. Este equilíbrio não se dará via intelecto, mas via integração daquilo que foi excluído.

Trazer de volta esta dimensão não é falar de Deus e nem fazer catecismo na sala de aula. É religar sentimento e razão; é integrar a dimensão espiritual. Respeitando as diferenças, respeitando as várias religiões e respeitando quem faz isto sem recorrer a uma religião, seja meditando no Porto da Barra, fazendo

yoga, terapia ou mapa astral. É preciso reconhecer as diferenças e trabalhar com elas, e não apesar ou a despeito delas. Os professores ainda não sabem lidar com a heterogeneidade, com a diversidade e tratam-na como um problema, ao invés de apreciá-la como expressão da pluralidade da vida.

Haverá tantas religiões quantas pessoas há no mundo, pois cada pessoa tem uma necessidade de religião própria e vai fazê-la do seu jeito. Não tem fórmula. A religião básica é ligar o que pensamos, sentimos e agimos. Às vezes, pensamos de um jeito, sentimos de outro e agimos de um terceiro modo. Religião é isto; não é acreditar em Jeová, Maomé... é religar a dimensão superior, que a gente via fora da gente, como dentro da gente.

Nós ainda não sabemos e nem compreendemos o significado de tudo isto. O melhor é viver experiências, cada vez com mais liberdade. O trabalho é cuidar e lidar com o nosso emocional, para poder chegar no sentimento. O espiritual é um sentimento, mas não é um conceito. É uma experiência. Pouco importa o nome da religião, a questão é: qual o sentimento?

O que vai fazer a diferença é como lidamos na vida cotidiana, como nos colocamos dentro dela, nossas escolhas, o que fazemos nela, a motivação das nossas atitudes, tudo isto independente de nossa religião. Não se está falando da perfeição, que é um conceito humano. Como na sombra, tudo faz parte: a guerra, o aborto, a morte, a violência... e também a solidariedade. Nenhum aspecto é negado. O que se propõe é viver tudo isto com mais consciência e, se possível, alinhado ao movimento de energia.

UMA OUTRA ONTOLOGIA?

Atualmente, grande parte do debate sobre a educação, tanto na mídia como nos meios acadêmicos, concentra-se no emprego das novas Tecnologias de Comunicação e Informação ou em questões de natureza política ligadas à democratização do ensino. Não há dúvida de que são questões bastante pertinentes. Tanto a informática, principalmente a internet, quanto a crescente universalização do ensino têm provocado alterações no modo de atuar da Escola. Entretanto, estas mudanças não têm sido suficientes para transformar a natureza da educação em vigor. Ao contrário, acrescentar algo novo a uma estrutura velha não a renova; tanto pode introduzir contradições quanto ocultar a verdadeira visão dos problemas. Isto não significa negar o valor e a importância de tudo o que vem sendo feito. Acredito, porém, que a questão

contemporânea da educação, mais do que política e epistemológica, é na verdade ontológica, pois se refere à discussão sobre o próprio sentido do viver e do ser.

Aprendi que é necessário rever a crença segundo a qual a gente acha que pode mudar o mundo e as pessoas. O ser humano não tem este poder. O mundo é resultado daquilo que a gente é; então, o que podemos mudar é a nós mesmos. O mundo é criação e é atração: eu atraio as experiências e eu também as crio. Então, se eu mudo a mim mesmo, o mundo muda.

A educação alimenta a crença de que é possível mudar o mundo. A verdade é que a mudança acontece, mas não é por nossa causa, porque nós queremos, à força. Não temos controle sobre isto; o controle está em outra dimensão. O que digo soa paradoxal, mas o que tratamos aqui é do lugar do ser humano. Não somos nós que mudamos; não depende de nós. Tudo o que aconteceu comigo, no meu processo de fazer contato com a minha qualidade, começou com a minha intenção de me abrir para que outra dimensão operasse em mim, e só. Posso até querer mudar, desejar, esperar. Mas não sou eu quem faço, controlo, e sim a minha energia. Meu trabalho é acompanhar, me abrir, dar permissão, ou não, para ela. Mas nunca controlar.

Isto remete ao tema da importância do modo como pensamos. A nossa energia segue o nosso pensamento, seus conteúdos, forma e estrutura. Na maioria das vezes, a gente é “pensado”; os pensamentos estão na atmosfera e são absorvidos. A maioria dos pensamentos que temos não são nossos. Isto gera um efeito que, em inglês, se nomeia como *busy mind* – mente ocupada. Isto ficava claro, por exemplo, nas descrições que os meus alunos faziam da realidade – todos tinham vidas maravilhosas, mas descreviam a realidade como sendo péssima.

Isto reforça a ideia do poder enorme que temos de criar as coisas e uma responsabilidade enorme que temos com os nossos pensamentos. Não se trata do que se costuma chamar de “poder do pensamento positivo”. Trata-se, isto sim, da ligação entre pensamento e sentimento.

No meu caso, tenho uma qualidade muito grande de abertura para outras dimensões. A inspiração sempre foi uma coisa muito presente dentro de mim e é representada pelas ideias e pelo meu compromisso em manifestá-las, ou seja, trazê-las para o físico. Acho que isto tem relação com a minha tarefa no mundo, de transformar as inspirações em ações. Ao mesmo tempo, reconheço que não opero sozinho. Quando temos uma inspiração, aquilo não nos pertence, pois não fomos nós que a criamos e inventamos. Isto vem de outra dimensão e a minha responsabilidade é apenas “canalizar”, mas não como uma mediunidade.

Não estou em estado alterado de consciência, apenas sinto que estou alinhado com a minha qualidade. Deixo de estar preocupado com o que vou fazer depois ou com o que veio antes; é como se a vida entrasse em parênteses. Fico totalmente disponível, em uma espécie de aqui agora. A presença da qualidade domina, ocupa meu espaço, e as ações fluem totalmente, sem nenhuma mediação intelectual.

Qual é o papel do homem? O ato de viver assume novos significados, principalmente para aqueles que, como eu, desde cedo precisavam se ligar a esta dimensão – conter, se fechar, viver situações de constrição, supressão, que marcaram o início até a metade da minha vida adulta. Por isto, o espiritual era o não físico. Não havia nada ali para eu me ligar; eu só tinha o espiritual que nos constitui, está ligado ao corpo físico e é tão real quanto o físico. A posição do ser humano, portanto, é inspirar e expirar a qualidade, manifestando-a e abrindo caminho para novas inspirações. É uma atitude quase meditativa, 100% presente.

Cada vez mais, os educadores precisam estabelecer um canal com esta dimensão. Não importa o que estejam ensinando; importa fazê-lo de forma conectada a esta dimensão. Isto qualifica o que está sendo ensinado e toca as pessoas de um modo diferente. Não importa o que façamos na vida; todos temos a nossa qualidade. Os professores precisam cultivar este autocuidado, conhecer-se.

Para este canal funcionar, é preciso “limpá-lo” constantemente. A “sujeira” no canal são as questões emocionais, os medos. Com medo, não canalizamos direito. Protegemo-nos, defendemo-nos e não nos entregamos. Se os educadores querem renovar, re-encantar a educação, precisam cuidar-se, conhecer esta dimensão e perder o medo dela. Acho que é o medo da rejeição, o medo de chegar na sala de aula e dizer que não sabe exatamente o que vai fazer, em um estado de entrega absoluta, que atrasa este processo. Para o professor, que é a figura que acha que detém o conhecimento, isto é um horror.

“Limpar o canal” significa cuidar das nossas próprias interferências – o desejo de controlar, o medo da rejeição e o medo desta dimensão superior –, que a gente não entende e não é para entender mesmo, porque ela é incognoscível por natureza. Precisamos de humildade para nos render àquilo que não sabemos. E não é uma questão intelectual. Podemos ler um milhão de livros e não vamos saber. É uma experiência; é um sentimento. Podemos até escrever um livro depois desta experiência, mas, rigorosamente, é uma experiência pessoal.

Digo tudo isto sem a pretensão de criar uma exigência por perfeição. Ninguém “limpa” todo o canal e nem fica 24 horas ligado, até porque isto não é possível e nem mesmo necessário. Isto precisa ser dito para não dar a impressão de que estamos criando uma nova religião ou uma nova teoria. Acho que a palavra melhor é cultivar, abrir-se, nutrir esta dimensão. O que muda é que o *Healing* nos dá mais possibilidades de lidar com estas questões, e nos possibilita confiar cada vez mais e temer cada vez menos. Em outras palavras, dar mais espaço para a qualidade e menos para o medo. Ainda que não diminua, é possível lidar melhor com o medo e ele não paralisar mais. Fazemos tudo o que temos que fazer, mesmo com medo. Não dá para acabar com o medo. O que acontece é que o ego desinfla, recua, vai para a prateleira.

Mais importante que tudo isto é cada um precisar conhecer seus próprios recursos, cuidar de sua atmosfera, reconhecer suas necessidades, sustentar-se em suas raízes e menos em teorias e projeções, e desenvolver a sua autonomia, pois a sustentabilidade de que tanto se fala hoje começa no indivíduo humano.

EPÍLOGO

De alguma forma, deixei a Sociologia para trás e, hoje, pratico uma espécie de trabalho autoral que reúne uma síntese de todas as experiências que vivi. Aprendi com Isis Pristed que a tarefa principal de um educador é refletir de volta quem seus educandos realmente são. Hoje este é o meu compromisso como professor.

Todavia, à frente do meu processo de desenvolvimento, reconheço que ainda preciso afirmar a minha presença. Contudo, hoje já posso dizer que “eu sou o capitão de minha alma”.¹

“Invictus”²

¹ “Eu sou o capitão de minha alma” é o último verso do poema “Invictus”, de William Ernest Henley (1849-1903), leitura diária de Nelson Mandela durante os anos em que esteve na prisão. Figura emblemática da luta contra o *Apartheid*, encontrou, nas palavras de Henley, a esperança e a força necessárias para manter-se vivo. A história é narrada brilhantemente no filme “Invictus” (2009, EUA, Clint Eastwood, Warner Bros), com Morgan Freeman no papel de Mandela.

² “Invictus / Noite a fora que me cobre / Negra como um breu de ponta a ponta, / Eu agradeço, a quem forem os deuses / Por minha alma incansável. / Nas cruéis garras da circunstância / Eu não fiz cara feia ou sequer gritei. / Sob as pauladas da sorte / Minha cabeça está sangrenta, mas não rebaixada. / Além deste lugar de raiva e lágrimas / É iminente o horror da escuridão, / E ainda o avançar dos anos / Encontra, e me encontrará, sem medo. / Não importa o quão estreito seja o portão, / O quão carregado com castigos esteja o pergaminho, / Eu sou o mestre

Out of the night that covers me
Black as the pit from pole to pole
I thank whatever gods may be
For my unconquerable soul.
In the fell clutch of circumstance
I have not winced nor cried aloud
Under the bludgeonings of chance
My head is bloody, but unbowed.
Beyond this place of wrath and tears
Looms but the horror of the shade,
And yet the menace of the years
Finds, and shall find, me unafraid.
It matters not how strait the gate,
How charged with punishments the scroll,
I am the master of my fate
I am the captain of my soul. (HENLEY, 2003, grifo nosso).

Deixei de ser o menino que, dentro de casa, observava o irmão mais novo brincar do lado de fora. Capitão que sou da minha alma, tornei-me um homem adulto, um ser humano mais completo, que saiu de casa e ganhou o mundo. Mais do que Doutor, me sinto autor!

REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem. *Conversas com quem gosta de ensinar*. São Paulo: Cortez, 2003.
- BALSAS, Álvaro. Física Quântica e realidade. *Revista Portuguesa de Filosofia*, Lisboa, n. 55, fasc. 1/2, p. 129-162, jan./jun.1999.
- BARRENECHE-CORRALES, Johana. *O método autobiográfico e a pesquisa social, testemunhos e histórias de vida*. Trabalho apresentado ao Fazendo Gênero 8 - Corpo, Violência e Poder. ST 50 - Gênero, direito e psicanálise, Florianópolis, 25-28 ago. 2008.
- BAUMANN, Zygmunt. *Ética pós-moderna*. São Paulo: Paulus, 1997.
- BELLO, Isabel Melero. *Formação, profissionalidade e prática docente: relatos de vida de professores*. São Paulo: Arte & Ciência, 2002.
- BERGER, Peter; LUCKMANN Thommas. *A construção social da realidade*. Petrópolis: Vozes, 1974.
- BOFF, Leonardo. *Ecologia*. São Paulo: Ática, 1996.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Cia da Letras, 1994.
- BURNIER, Suzana et al. Histórias de vida de professores: o caso da educação profissional. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 35, p. 343-358, maio/ago. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v12n35/a13v1235.pdf>>. Acesso em: 25 jul. 2011.
- CAPRA, Fritjof. *O ponto de mutação*. São Paulo: Cultrix, 1982.
- CATANI, Denice. Lembrar, narrar, escrever: memória e autobiografia em história da educação e em processos de formação. In: BARBOSA, Raquel Lazzari Leite (Org.). *Formação de educadores: desafios e perspectivas*. São Paulo: Editora UNESP, 2003. p. 119-130.
- CATANI, Denice Barbara; BUENO, Belmira; SOUSA, Cyntia. O amor dos começos: por uma história das relações com a escola. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 111, p. 151-171, dez. 2000.
- CHAMLIAN, Helena Coharik. As histórias de vida e a formação do professor universitário In: SOUZA, Elizeu Clementino de. *Autobiografias, histórias de vida e formação: pesquisa e ensino*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006. p. 21-31.
- CHINUA, Achebe. *A educação de uma criança sob o Protetorado Britânico: ensaios*. Tradução Esa Mara Lando. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- DELLORS, Jacques. (Org.). *Educação: um tesouro a descobrir: relatório para a Unesco da comissão internacional sobre educação para o século XXI*. São Paulo: Cortez; Brasília: MEC / Unesco, 1998.

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. Introdução: a disciplina e a prática da Pesquisa Qualitativa. In: DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. *O planejamento da Pesquisa Qualitativa: teorias e abordagens*. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 15-41.

DOMINICÉ, Pierre. A biografia educativa: instrumento de investigação para a educação de adultos. In: NÓVOA, António; FINGER, Mathias. *O método (auto)biográfico e a formação*. Lisboa: MS/DRHS/CFAP, 1988. p. 101-106.

_____. *L'histoire de vie comme processus de formation*. Paris: Edition L'Harmattan, 1990.

DUBAR, Claude. *A socialização: construção das identidades sociais e profissionais*. Porto: Porto Editora, 1997.

DURAN, Marília Claret Geraes; SANTOS NETO, Elydio dos. Estudos (auto)biográficos na formação de mestres pesquisadores em educação. In: SOUZA, Elizeu Clementino de; ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. *Autobiografias, histórias de vida e formação: pesquisa e ensino*. Porto Alegre: EDIPUCS, 2006. p. 93-108.

ERBEN, Michael. *Biografia e autobiografia*. Il significato del metodo autobiografico. Il metodo autobiografico. Semestre sulla condizione adulta e processi formativi-4 Otome, 1996. Milano: Edizione Angelo Guerini e Associati, 1996.

FEYERABAND, Paul. *Contra e método*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1987.

FERRAROTTI, Franco. Sobre a autonomia do método biográfico. In: NÓVOA, António; FINGER, Matthias (Org.). *O método (auto)biográfico e a formação*. Lisboa: Ministério da Saúde; Departamento de Recursos Humanos da Saúde/Centro de Formação e Aperfeiçoamento Profissional, 1988. p. 17-34.

FRASES sobre Solidariedade. 2011. Disponível em: <<http://www.sitequente.com/frases/solidariedade.html>>. Acesso em: 2 jun. 2013.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática docente*. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura).

GARNICA, Antonio Vicente M. História oral e educação matemática: de um inventário a uma regulação. *Zetetiké*, São Paulo, v. 11, n. 19, p. 9-55, 2003.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

_____. _____. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.

GOODMAN, Nelson. Twisted tales; or, story, study and symphony. In: THOMAS MITCHEL, W. J. (Org.). *On narrative*. Chicago: University of Chicago Press, 1981. p. 99-115.

GOODSON, Ivor F. Dar voz ao professor: as histórias de vida dos professores e seu desenvolvimento profissional. In: NÓVOA, Antonio (Org.). *Vidas de professores*. Porto: Porto Editora, 1992b. p. 63-78.

_____. (Ed.). *Studying teachers' lives*. London: Routledge, 1992a.

_____. Studying the teacher's life and work. *Teaching and Teacher Education*, Oxford, v. 10, n. 1, p. 29-37, 1994.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução Laís Teles Benoir. São Paulo: Centauro, 2004.

HEISEMBERG, Werner. *Física e Filosofia*. Brasília: Editora da UNB, 1987.

HENLEY, William Ernest. *Invictus*. Jan. 2003. Disponível em:
<<http://www.poemhunter.com/poem/invictus/>>. Acesso em: 10 maio 2013.

HOLLANDA, Sérgio Buarque de. *As raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HUSSERL, Edmund. *Investigações lógicas*. São Paulo: Abril Cultural, 1975.

ITURRA, Raul. *Genealogia de Karl Marx e a sua disciplina de vida*. 2011. Disponível em:
<<http://aventar.eu/2011/01/02/genealogia-de-karl-marx-e-a-sua-disciplina-de-vida/>>. Acesso em: 10 maio 2013.

JOSSO, Marie-Christine. História de vida e projeto: a história de vida como projeto e as “histórias de vida” a serviço de projetos. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 25, n. 2, p. 11-23, jul./dez. 1999.

KUHN, Thomas S. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva, 1987.

_____. _____. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1994.

_____. _____. 9. ed. São Paulo: Perspectiva, 2006.

LISPECTOR, Clarice. *A Hora da Estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

MARX, Karl. Observação de um jovem na escolha da profissão. Tradução Marcos José de Araújo Caldas. *Revista Universidade Rural: Série Ciências Humanas, Seropédica*, Rio de Janeiro, v. 29, n. 2, p. 103-117, jul./dez. 2007. (1. ed. 1835). Disponível em:
<<http://www.editora.ufrj.br/revistas/humanasesociais/rch/rch29n2/103-117.pdf>>. Acesso em: 11 maio 2013.

MARX, Karl. Teses contra Feuerbach. In: MARX, Karl. *Os Pensadores*. São Paulo: Victor Civita, 1978. p. 51-53.

MILLS, C. Wright. *A imaginação sociológica*. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

MORIN, Edgar. *Ciência com consciência*. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1996.

_____. *O método - 4: as ideias*. Porto Alegre: Sulinas, 1998.

_____. *A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Tradução Eloá Jacobina. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

MURCHO, Desidério. A lógica de Marx. Mar. 2003. Disponível em: <http://criticanarede.com/lds_marx.html>. Acesso em: 10 maio 2013.

NOGUEIRA, Maria Aparecida L. Da relação entre o trajeto antropológico e a física moderna. *Revista Ciência e Trópico*, Recife, v. 22, n. 2, p. 245-254, 1994.

NÓVOA, António. Os professores e as histórias da sua vida. In: NÓVOA, António (Org.). *Vidas de professores*. Porto: Porto Editora, 1992a. p. 11-30.

_____. Prefácio. In: JOSSO, Marie-Christine (Org.). *Experiências de vida e formação*. São Paulo: Cortez, 2004. p. 6-9. (Coleção: Educa-Formação).

_____. (Org.). *Profissão professor*. Porto: Porto Editora, 1992c.

_____. Professor se forma na escola. *Revista Nova Escola*, São Paulo, ano XVI, n. 142, p. 13-15, maio 2001.

_____. *Vidas de professores*. Porto: Porto Editora, 1992b.

NÓVOA, António; FINGER, Mathias. *O método (auto)biográfico e a formação*. Lisboa: MS/DRHS/CFAP, 1988.

NUNES, Célia Maria F.; CUNHA, Maria Amália de A. A “escrita de si” como estratégia de formação continuada para docentes. *Revista Espaço Acadêmico*, Maringá, ano V, n. 50, jul. 2005. Disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br/050/50pc_cunhanunes.htm>. Acesso em: 10 set. 2011.

OLIVEIRA, Dennis de. Entrevista – Zygmunt Bauman. *Revista Cult*, São Paulo, ed. 138, 3 ago. 2009. Disponível em: <<http://revistacult.uol.com.br/home/2010/03/entrevista-zygmunt-bauman/>>. Acesso em: 10 mar. 2013.

ORTEGA Y GASSET, José. *A rebelião das massas*. Rio de Janeiro: Livro Ibero-Americano, 1962.

PASSEGGI, Maria da Conceição. A formação do formador na abordagem autobiográfica. A experiência dos memoriais de formação. In: SOUZA, Elizeu Clementino; ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Org.). *Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si*. Porto Alegre: EDIPURS, 2006. p. 203-218.

PENTEADO FILHO, Paulo de Arruda et al. *Políticas de reestruturação dos currículos dos cursos de graduação da UFBA: proposta aprovada pela Câmara de Ensino de Graduação em 7110/99*. Salvador: Prograd, 1999.

PINEAU, Gaston. *As histórias de vida em formação: gênese de uma corrente de pesquisa-ação-formação existencial*. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v32n2/a09v32n2.pdf>>. Acesso em: 10 maio 2013.

POLÍCIA MILITAR DA BAHIA. *Boletim Geral*, n. 29. Salvador, 9 fev. 1979.

POLLACK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-215, 1992.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Relatos orais: do “indivizível” ao “dizível”. In: SIMPSON, Olga de Moraes Von (Org.). *Experimentos com histórias de vida* (Itália-Brasil). São Paulo: Vértice, 1988. p. 14-43.

RANGUETTI, Diva Spezia. *(Re)significando o lócus da formação inicial: a pesquisa do “si mesmo”*. [20--]. Disponível em: <http://cettrans.com.br/artigos/Diva_Spezia_Ranghetti.pdf>. Acesso em: 25 maio 2012.

RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. Campinas: Papirus, 1994. v. I.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência*. São Paulo: Cortez, 2000.

_____. *A gramática do tempo: para uma nova cultura política*. São Paulo: Cortez, 2010.

_____. El foro Social Mundial y el auto-aprendizaje: La Universidad Popular de los Movimientos Sociales. In: SALGADO, José G. (Compilador). *La Universidad en la encrucijada de nuestro tiempo*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2009. p. 161-171.

_____. *Introdução à ciência pós-moderna*. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

_____. *Introducción: Las epistemologías del Sur*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2011.

_____. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Org.). *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Almedina, 2009. p. 23-71.

_____. *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. São Paulo: Cortez, 1995.

_____. Porque é tão difícil construir uma teoria crítica? *Revista Crítica de Ciências Sociais*, Porto, n. 54, p. 197-215, jun. 1999.

_____. *Reconhecer para libertar: os caminhos do cosmopolitismo multicultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

_____. *Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social*. São Paulo: Boitempo, 2007a.

_____. *Um discurso sobre as ciências*. 12. ed. Coimbra: Edições Afrontamento, 1997.

_____. _____. 14. ed. Lisboa: Edições Afrontamento, 2001.

_____. Um discurso sobre as ciências na transição para uma ciência pós-moderna. *Est. Av.* São Paulo, v. 2, n. 2, p. 46-71, 1988. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141988000200007>. Acesso em: 25 maio 2012.

_____. Um discurso sobre as ciências na transição para uma ciência pós-moderna. *Revista de Estudos Avançados*, São Paulo, v.2, n. 2, p. 46-71, maio/ago. 1988.

SANTOS, Boaventura Sousa; ALMEIDA FILHO, Naomar de. *A Universidade no século XXI: para uma universidade nova*. Coimbra: Edições Almedina, 2008.

SCHUTZ, Alfred; LUCKMANN, Thomas. *Las estructuras del mundo de la vida*. Buenos Aires: Amorrotu, 1973.

SOARES, Geraldo Ramos; GOMES, Henriette Ferreira (Org.). *Apre(e)ndendo o social: mulheres, saúde, trabalho, futebol, sensualidade etc*. Salvador: Edufba, 1999.

SOUZA, Elizeu Clementino de. A arte de contar e trocar experiências: Reflexões teórico-metodológicas sobre história de vida em formação. *Rev. Educação em Questão*, Natal, v. 25, n. 11, p. 22-39, jan./abr. 2006a.

_____. (Auto)biografia, identidades e alteridade: modos de narração, escritas de si e práticas de formação na Pós-Graduação. *Rev. Fórum Identidades*, Aracaju, Ano 2, v. 4, p. 37-50, jul./dez, 2008.

_____. (Org.). *Autobiografias, histórias de vida e formação: pesquisa e ensino*. Porto Alegre: EDPUCRS; Salvador: Eduneb, 2006b.

_____. *O conhecimento de si: estágio e narrativas de formação de professores*. Rio de Janeiro: DP&A; Salvador: Uneb, 2006c.

SOUZA, Jesse. *Ralé brasileira. Quem é e como vive*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

TAVARES, Manoel. Em torno de um novo paradigma sócio-epistemológico. Manoel Tavares conversa com Boaventura de Sousa Santos. *Revista Lusófona de Educação*, Lisboa, v. 10, n. 10, p. 131-137, 2007.

TOYNBEE, Arnold J. *Um estudo de história*. Rio de Janeiro: W.M. Jackson. 1953.

UNGER, Nancy M. *O encantamento do humano: ecologia e espiritualidade*. São Paulo: Loyola, 1991.

VASCONCELLOS, Geni Amélia Nader. Puxando um fio. In: _____. (Org.). *Como me fiz professora*. Rio de Janeiro: DP&A; Sindicato Estadual dos Profissionais da Educação, 2000. p. 6-12.

WILBER, Ken. *Uma breve história do universo*. Rio de Janeiro: Nova Era, 2001.

BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA SOBRE *HEALING*⁴

TEXTOS DE AUTORIA DE ISIS PRISTED

PRISTED, Isis. Terapia e Healing. Uma tentativa de desmistificar *healing* e definir alguns princípios de trabalho. *ELOS Estudos da consciência, healing, energia e crença publicação do LOGOS –Centro de Estudos e Práticas de Energia, Desenvolvimento e Integração Humana*, Salvador, n. 1, p. 23-49, nov. 2002; originalmente, publicado na revista *Energy and Character The Journal of Biosynthesis* sob o título “Therapy and Healing: a personal attempt to de mystify healing and to define some principles of the therapeutic and healing work Abbotsbury” Publications, Rodden, Dorset, England, v. 14, n. 2, p. 1-20, ago.1983; Traduzido e publicado em *Energia e Caráter*. São Paulo: Summus Editorial, 1997. p. 88-111.

_____. O trabalho com o Healing: energia e autocura como um processo de crescimento e autodesenvolvimento. Guia de abordagens corporais. São Paulo: Summus Editorial, 1997. p. 158-164.

_____. (Org.) ELOS – *Estudos da consciência, Healing, energia e crença*. Salvador: Caixa; Petrobras, nov. 2002-nov. 2003 e mar/2005. (v. 1, 2 e 3).

Entrevistas concedidas

_____. Healing Individualidade e a Fonte: as dimensões humanas. Entrevista concedida a Beatriz Ferraz. Salvador: Caixa; Petrobras, nov. 2002, nov. 2003 e mar. 2005. v. 2.

_____. Cores, Healing e chakras. Entrevista concedida a Luiz Afonso Costa, publicada na Coletânea ELOS – Estudos da consciência, Healing, energia e crença. Salvador: Caixa; Petrobras, mar. 2005. v. 3. Publicação do LOGOS Centro de Estudos, Ensinaamentos e Práticas do Healing.

Este material também se encontra disponível em: <http://logoscentro.org/pt/isis/leia-mais>

SOBRE O PENSAMENTO DE BOB MOORE

MAUTHNER, Anna; MAUTHNER, Alexander (Org.). *Conversations with Bob Moore*. Kirchdorf: [s.n.], 1992. 145 p. Esta publicação reúne entrevistas feitas com Bob Moore durante os anos de 1987, 1988 e 1991 em Ringkobing, Dinamarca. Alguns capítulos foram traduzidos para o português por Elza Tamas e publicados nas três edições da Coletânea ELOS.

PRISTED, Isis da Silva. Prefácio. In: Coletânea ELOS–Estudos da consciência, Healing, energia e crença, v. 1, Salvador: Caixa; Petrobras, nov. 2002. Publicação do LOGOS Centro de Estudos, Ensinaamentos e Práticas do Healing.

⁴ Esta bibliografia foi incluída como sugestão para os leitores que queiram saber mais sobre o tema. Esclareço que ela não foi consultada nem referenciada neste trabalho.